

CCB - Abertura da Temporada 2025/2026

Adilson

Uma ópera de Dino D'Santiago

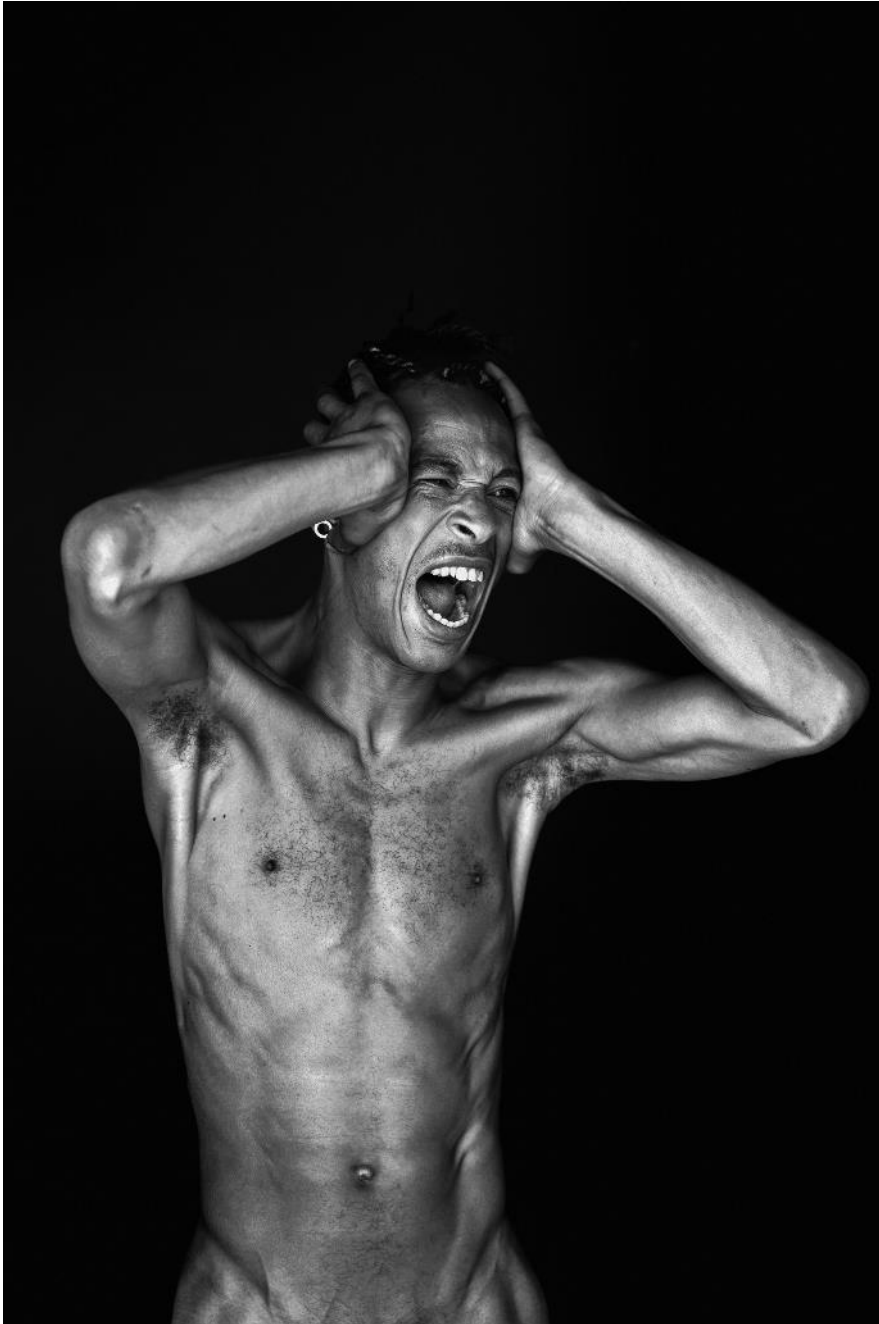
CCB . 12 a 14 de setembro . Grande Auditório

Sexta às 20h00 / Sábado às 19h00 / Domingo, 17h00

Comissão e produção: BoCA - Biennial of Contemporary Arts (Lisboa)

Gestão de produção: Local Global

Coprodução: Centro Cultural de Belém (Lisboa), Teatro Circo (Braga), Teatro das Figuras (Faro), Teatro Aveirense (Aveiro)



Ficha Técnica e Artística:

Conceito e encenação: Dino D'Santiago

Libreto e dramaturgia: Dino d'Santiago, a partir do texto original "Serviço Estrangeiro" de Rui Catalão

Direção musical: Martim Sousa Tavares

Composição musical / produção musical: Dino D'Santiago e Djodje Almeida

Arranjos e orquestração: João Martins

Música: Djodje Almeida, Iuri Oliveira, Raúl da Costa, Mais Hreish

Orquestra: Orquestra Sinfónica Juvenil (Lisboa); Orquestra Sinfonietta de Braga (Braga);

Orquestra do Algarve (Faro); Orquestra das Beiras (Aveiro)

Intérpretes: Michelle Mara, Cati, NBC, Soraia Morais, Koffy, Rebeca Reinaldo, Rúben Gomes

Assistência de encenação: Solange Freitas

Colaboração na direção de atores: Cláudia Semedo

Direção vocal: Francisco Pessoa Júnior

Cenografia: Pedro Azevedo

Desenho de luz: Rui Monteiro

Desenho de som: Bruno Lobato

Direção de cena: Francisca Rodrigues

Figurinos: José António Tenente

Direção de produção: José Maria Cortez (BoCA)

Produção executiva: Irina Leite Velho

Numa encomenda e produção original da bienal BoCA, Dino D’Santiago foi desafiado a estreiar uma ópera, que cruza história, cultura e a identidade multicultural portuguesa.

Adilson é uma ópera em cinco atos dirigida por Dino D’Santiago, com libreto de Rui Catalão e direção musical de Martim Sousa Tavares. Acompanhamos a jornada de um homem afrodescendente, nascido em Angola, filho de pais cabo-verdianos, que vive há mais de 40 anos em Portugal — sem nunca ter obtido cidadania portuguesa. Chamado D’Afonso pelos amigos, Nuno pela família, Adilson no passaporte, a sua vida desenrola-se entre salas de espera, processos adiados e um labirinto burocrático que o impede de ser plenamente reconhecido pelo país onde sempre viveu.

Mais do que um indivíduo, Adilson representa milhares de pessoas deixadas nas margens do sistema. A ópera transforma a espera em poesia e faz da invisibilidade um ato de resistência. No culminar da obra, ouve-se o grito que ecoa para além do palco: “Eu não sou português. Eu sou Portugal. Um país à espera.”

Abordando temas como a injustiça social, a discriminação, a fragilidade humana e a esperança, esta primeira incursão de Dino D’Santiago no território da ópera assinala igualmente os cinquenta anos do fim da presença militar portuguesa em terras coloniais nos territórios africanos.

Adilson nasceu em Outubro de 1983, na cidade de Luanda. Filho de pais cabo-verdianos que se encontravam de passagem por Angola, antes de emigrarem para o sul de Portugal, em Setembro de 1984. Foi baptizado, fez a Profissão de Fé e frequentou a catequese na Igreja Matriz de Quarteira, ao lado dos seus cinco irmãos. Viveu toda a sua vida em território português, e apenas uma vez saiu do país, numa breve visita à cidade de Marselha, no final dos anos 90.

Apesar de, em 2025, completar 42 anos de vida em Portugal, Adilson continua sem cidadania portuguesa. O país onde cresceu, estudou, trabalhou, construiu laços e formou a sua identidade, jamais lhe reconheceu o direito à nacionalidade. A sua mãe, Matilde, tudo tentou para legalizar a situação do filho, mas partiu sem ver esse sonho concretizado - vítima de um ataque cardíaco fulminante. No seu último sopro de vida, chamou pelo nome do seu primogénito, Milton, irmão mais velho de Adilson, que se suicidara anos antes no Estabelecimento Prisional de Pinheiro da Cruz, em Grândola, na Vila Morena.

A Ópera “Adilson” atravessa a biografia emocional e política deste homem. Um filho da diáspora cabo-verdiana, nascido por acaso em Luanda, mas moldado no corpo e na alma pelas margens do Algarve. Cresceu a tentar ser aceite como português num país que, esquina após esquina, lhe foi armando armadilhas burocráticas e simbólicas. Um país que lhe ensinou a língua, mas nunca lhe deu a palavra final: pertença.

Este projecto nasce como um manifesto lírico pela justiça, uma denúncia poética dos mecanismos invisíveis que perpetuam o “não lugar” de milhares de vidas como a de Adilson. Vítima do extinto SEF e agora também da ineficiência da AIMA, ficou aprisionado numa teia de mais de 400 mil processos de autorização de residência pendentes; um nó que se apertou ainda mais com a paralisia global provocada pela pandemia da COVID-19.

Ao longo da ópera, outras histórias cruzam-se com a de Adilson, tecendo uma tapeçaria feita de resistência, amor, luto e esperança. Cada cena revela camadas de um sistema que falha os seus cidadãos invisíveis. E é no clímax desta jornada, entre coros de dor e vozes de resgate, que Adilson, enfim, proclama:

“Eu não sou português.

Eu sou Portugal.” PT